

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

TEMA: As subjetividades contemporâneas

Sub-tema: As novas formas de sofrimento.

## PSICANÁLISE E CIÊNCIA – Uma articulação possível

Gilda Vaz Rodrigues

Minha proposta neste trabalho é demarcar em que ponto psicanálise e ciência podem ter alguma articulação, ou seja, em que ponto a ciência moderna oferece um instrumental para se operar analiticamente hoje, considerando que o sujeito que a psicanálise vai formalizar a partir de Lacan vai perder no avanço dessa formalização a sua forma substantivada, predicada, para ser apenas um **a**, um **ser** cujo estatuto a lógica gramatical, metafórica e da representação mostra-se insuficiente.

Se Freud sustentou uma pretensão de fazer da psicanálise uma ciência, pretensão esta que foi perdendo força no caminho que a psicanálise foi desenvolvendo, em sua intuição genial, ele não estava totalmente equivocado, os instrumentos de uma ciência moderna que vinha desde o século XVII tomando forma, acenavam como um saber que poderia nos servir um dia para formalizar o estatuto real do objeto da psicanálise.

No “Projeto para uma Psicologia Científica”, Freud já nos apresenta as bases deste campo energético, onde um *quantum* de energia não assimilada pelo aparelho psíquico, não simbolizada, irá acarretar dor e sofrimento. Ele já anuncia aí aquilo que Lacan dedicará todo um segundo tempo de seu ensino: o campo do real.

O saber da ciência, entretanto, se aloja no real em um lugar diferente do lugar da psicanálise. Tomo as palavras de Patrick Valas que fala disso

claramente: *“A ciência pode gozar do real, apreendendo-o como um fogo frio, por fórmulas bem articuladas. É a razão pela qual Lacan tenta passar pelos recursos da lógica matemática, pelos matemas, pela topologia dos grafos, das superfícies e dos nós, para tentar explicar o real da experiência psicanalítica e transmitir o seu saber.”*

Este campo resistente à simbolização, possivelmente acarretou um funcionamento exaustivo da linguagem na tentativa de simbolizar o impossível.

Vemo-nos hoje diante de um mundo saturado de informações, conhecimentos, que nos torna anacrônicos em nosso próprio tempo.

Nosso .ar está saturado pela linguagem e esta já não porta a força subversiva que tinha antigamente. Hoje ficamos impactados pelo **isso mostra**, muito mais do que pelo **isso fala**.

Os nomes do pai não nos servem mais de suporte, pois eles caem, eles mudam. Em que nos sustentarmos?

Esta é a questão deste trabalho.

Esta também é a questão que percorre o seminário de Lacan, *O Avesso da Psicanálise*, de onde tomo duas palavras que me apontam uma direção para esta articulação.

No capítulo XI intitulado Os Sulcos da Aletosfera, Lacan fala de Aletosfera, de latusas... O que ele quer dizer com isso?

Aletosfera é uma condensação da palavra atmosfera e aletheia, esta última significa verdade, no sentido de desvelamento.

Lacan vai dizer que a ciência produziu a aletosfera que satura nosso ar com todo tipo de ondas que circulam nos espaços, de vozes que cruzam nosso

ar. Há um excesso, um **a** mais, um ar saturado que atesta a presença da ciência em nosso mundo de hoje.

Quero destacar aqui, entre tantos elementos que saturam nosso ar, o que me parece mais fundamental para o homem – as ondas que transmitem as vozes.

Se por um lado ouvimos dizer que a ciência forclui a verdade, ou seja, ela não deixa nenhum espaço para a verdade do sujeito, por outro, paradoxalmente, é a própria ciência que nos fornece os instrumentos para se formalizar a estrutura desse sujeito, aquela que possibilita um saber capaz de fazer barreira à captura desse sujeito pelas formas que a civilização oferece como vestimentas de gozo.

Alguns anos atrás, durante um acidente ocorrido com uma nave espacial, um dos astronautas, após resgatado, declarou que foi graças às vozes humanas que lhes foi possível sobreviver.

As vozes! Sim, elas ocupavam o silêncio dos espaços infinitos e sustentavam estes homens de pé. Quem sabe se na ausência dessas vozes eles poderiam começar a escutar a voz de Deus, entrando na loucura?

Um espaço silencioso, um espaço onde a voz não produz onda é ainda mais aterrorizador que a Atmosfera. A ausência da voz humana levaria o sujeito a se defrontar com uma dimensão insuportável, a do silêncio da morte.

Entretanto, diz o aforismo, “nem o sol nem a morte podem ser olhados de frente”, é preciso que alguma coisa se ofereça como tela, como mediação.

Porém, existirá ainda hoje o silêncio dos espaços infinitos que aterrorizavam Pascal?

Em seus “Pensamentos” revelam-se os escritos de um homem a quem o silêncio eterno dos espaços infinitos apavora. Estendendo este tormento ao próprio limite onde o homem em sua existência pode dar conta da ausência ou inexistência do Outro, Pascal questiona a existência de Deus. Se ele existe ou não existe, a razão não o pode determinar, “há um caos infinito que nos separa”, diz ele. Diante do paradoxo de uma existência que transita ao mesmo tempo na recusa e aceitação das verdades inquestionáveis, Pascal formula aquilo que ficou conhecido como a aposta de Pascal: Já que não se pode provar nem que Deus existe nem que não existe, só se pode apostar. Ele aposta na existência de Deus.

A aposta de Pascal nos direciona ao final da experiência analítica, quando, diante do desarvoramento da inexistência do Outro, só nos resta apostar em uma marca que não se sabe, mas na qual nos sustentamos, uma alienação na palavra verdadeira, enquanto que vazia. O termo insubstância, usado por Lacan, estabelece uma distinção entre ciência e conhecimento. Enquanto conhecimento é da ordem da metáfora, aquilo que se pode dizer para dar conta do impossível, a ciência reduz a verdade ao manejo das letras e números, verdade da lógica.

O que esta verdade faria escutar? As vozes! As vozes, como objeto a sustenta esses homens lá em cima. E aqui nesse nosso mundo, em que nos sustentamos? Lacan inventa uma outra palavra, *latusas*, para se referir aos objetos que encontramos em nosso mundo aqui embaixo: “no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que os governa, pensem neles como *latusas*” (*O Avesso da Psicanálise*, p.153). Em

francês *latusas* rima com *ventosas* (*lathouse – ventouse*), por isso, “há vento ali dentro”, diz ele, “o vento da voz humana.”

Onde quero chegar neste caminho?

Quero ressaltar que esses inúmeros objetos que nos seduzem no mundo moderno, esses que o poluem construindo montanhas de lixo que vão contaminando nossos ares, mares, solo, estes *gadgets* que inundam nossas vidas e nos colocam a trabalho para consumi-los, nada mais são do que vento.

Se lá em cima bastaram as vozes, aqui embaixo é preciso tanta quinquilharia para nos sustentar em nossas vidas?

Essa é a questão a que Lacan vai dando forma em seus últimos textos e seminários ao formular um quinto discurso fadado a consumir o próprio homem, o discurso do capitalista.

Se no discurso do mestre o **a** é o ser do sujeito como resto que sobra de seus laços com a cultura, ou seja, se cada vez que este ser, para existir, se aliena nas formas que a cultura oferece e que vestirão seu desejo, algo entretanto deste ser sempre resiste a essas formas, pela própria impossibilidade de se escrever ou dar formas ao real.

Se este **a**, resto não simbolizável, extraído como perda passa a ser manipulado, seduzido pela máquina do capitalismo e capturado, isso que nada mais é que vento, que sopra das vozes, adquire a consistência dos novos objetos de desejo. Em vez da queda do **a**, este é agora administrado pela mídia, pela publicidade, por um mercado que maneja a falta constitutiva. O que decorre daí é que o próprio ser do sujeito é que passa a ser consumido. As pessoas se consomem para consumir. Este é o efeito da astúcia do discurso capitalista. A perda de gozo que condiciona a inscrição simbólica do sujeito, da

qual o discurso do mestre nos dá a estrutura, se vê no mundo contemporâneo refém do discurso do capitalista, e para sobreviver se é forçado a criar novos sintomas, cada vez menos abordáveis pela linguagem, tal como aquelas bactérias que pela ação dos antibióticos vão se tornando mais resistentes.

A castração é elidida. Os sujeitos se crêem completos, acreditando estarem livres da repressão que caracterizou a época vitoriana de Freud.

Neste ponto de nossa elaboração, outra questão se impõe?

O que pode fazer barreira aos efeitos devastadores do capitalismo? À mais-valia? Ao mais-gozar agora monitorado pelas exigências do mercado?

O socialismo? Esta era a proposta com que, em 1968, enquanto Lacan coordenava seu seminário *O Averso da Psicanálise*, os estudantes em Paris invadiam as ruas bradando sua revolta. Após o fracasso dessas tentativas, parece que o monopólio do capitalismo se tornou imbatível.

Mas não estamos aqui para discutir a política, ou pelo menos esta, a política que nos diz respeito enquanto analistas é a da falta-a-ser. Por isso Lacan dará a seguinte resposta: O que pode combater os excessos do discurso do capitalismo é o gozo!

Como? O gozo?!

Na medida em que ele está interditado.

Freud nos apontou como saída a renúncia ao gozo. Podemos entendê-la como renúncia a uma posição frente ao gozo, de objeto passivo, capturado, para a de um novo saber fazer, soltando-se das fixões de gozo. Esta mudança de posição acarreta a rotação do discurso, única forma que temos de lidar com o real.

Isso nos leva a cair da verdade, que não é ficar no vazio, é saber em que discurso nos inserimos, no limite dessa posição de algum modo fictícia.

Paixão da ignorância é levar a estrutura como referência ao pé da letra.

É esta verdade ao pé da letra que toca o real, toca no que faz causa.

Freud, Marx, Lacan fizeram isso. Apontaram para um campo onde a verdade é muda, por isso ela ressurgiu atravessando os tempos, tomando as formas de sua época.

Eles tocam o verdadeiro porque tocam na estrutura ao pé da letra. O saber que eles produzem faz um sulco no real.

Esse sulco no real que é da ordem do traço unário, na medida em que ele não é captado pelo que é escrito ou dito, mas pelo que escapa, que é rejeitado, não escreve, não pára de não se escrever. Também as produções da ciência moderna são da mesma ordem, pois ela não tem como característica principal ampliar o conhecimento do mundo, embora isso também ocorra, mas, introduzir no mundo coisas que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção.

Assim, o traço unário não é um traço percebido mas da mesma ordem deste surgimento da ciência.

A ciência que não surgiu da percepção.

Retifica-se o estatuto da verdade como puramente lógico.

É nisso que encontramos na ciência seus ecos na experiência analítica e uma articulação possível.

Para concluir, remeto-me mais uma vez à aletosfera, este campo não apreensível pelos aparelhos sensoriais e pela percepção, mas que ex-siste.

Precisa-se de aparelhos especiais para captar estas ondas, assim como precisa-se de ouvidos especiais para se ouvir o traço unário. Talvez tenhamos que estar fora do mundo, como um santo descaridoso, lembrando Lacan em *Télévision*, extraíndo as significações, as roupagens, as quinquilharias que sufocam, encobrem e iludem; afastar a percepção e habitar este espaço de insubstância, pelo menos por um *flash* de intervalo. Lugar habitado pelas ondas, ou pelas supercordas, como relatava há poucos dias na televisão o físico americano Brian Greene, autor do livro *Sinfonia Cósmica*, que aborda justamente este espaço habitado por cordas que vibram e produzem ondas, que trazem a verdade que vem desta terra: a voz do homem.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Sônia. Discurso do Capitalista e o mal-estar na cultura. Estados Gerais da Psicanálise de São Paulo – <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170EG.htm>.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *O ato psicanalítico*, livro 15. Inédito.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *La tercera* – texto inédito, não revisado por Lacan.

\_\_\_\_\_. *R.S.I.* Inédito.

\_\_\_\_\_. *O saber do psicanalista*. Inédito.

\_\_\_\_\_. Conferência em Genebra sobre o sintoma, 1975. *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n.23.

MILLER, Jacques-Alain. Reflexiones sobre la envoltura formal del sintoma. *La envoltura formal del sintoma*. Buenos Aires: Manantial, 1989

SOLER Colette. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1989.

TEIXEIRA, Antônio. O santo e o capitalista. *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n.23.

Valas, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.2001.